



EDITORA NOVA FRONTEIRA

**ENTREVISTA COM EVANILDO BECHARA**

**Com o lançamento do livro *Homenagem: 80 anos de Evanildo Bechara e às vésperas de completar 80 anos de vida o que o senhor tem a comemorar?***

*Sei que os amigos exageraram muito nesses textos sobre mim. Vou celebrar a fidelidade que mantive a meus grandes mestres, a certeza de ter ajudado meus alunos e a alegria de ter feito muitos amigos. Amigos de áreas tão diferentes mas que se lembraram de comemorar meu aniversário com esse livro.*

**O senhor lançará uma nova edição de sua gramática, pela Nova Fronteira, até o fim do ano. Que novidades ela traz?**

*Desde a primeira edição da gramática, que publiquei em 1961, me preocupei em atualizá-la com as novidades dos estudos lingüísticos, como fazer a distinção entre diacronia e sincronia, como propôs Saussure, e incluir na gramática os procedimentos de descrição estrutural, sistêmica e econômica. Procuro mostrar que um professor não deve se limitar a ensinar sujeito e predicado, mas deve mostrar ao aluno as conseqüências que esse saber tem no uso da língua. A nova edição traz concepções teóricas diferentes: em vez da divisão tradicional das gramáticas em fonética, morfologia e sintaxe, a minha se divide em apenas duas partes: morfologia e sintaxe. A gramática estuda as unidades dotadas de sentido, e os fonemas não têm sentido, apenas colaboram para a formação de sentido. Outra novidade é a discussão de língua exemplar e de língua como unidade da fala. A língua exemplar é como a moda: não precisa de justificativa. Podem-se usar botas de cano longo no calor do Rio porque esta é a tendência. A língua exemplar é a etiqueta social. Essa língua*



## EDITORA NOVA FRONTEIRA

*só não pode cair na mão de pessoas despreparadas que espalham lições absurdas em regrinhas inventadas nos “consultórios gramaticais”. Como, por exemplo, que não se pode dizer perigo de vida, somente perigo de morte, quando a língua permite o uso dos dois termos.*

**Em algumas reportagens o senhor já destacou que o encontro com o professor Manuel Said Ali foi determinante para seu início nos estudos da língua portuguesa. Por quê?**

*Nasci em Pernambuco, mas perdi meu pai muito cedo e vim para o Rio morar com um tio-avô. No ginásio, meu professor de língua portuguesa, sabendo do meu interesse pela matéria e a necessidade de ajudar minha mãe financeiramente, me indicou alunos particulares. Desde cedo, percebi que estudar o máximo possível era minha chance de entrar no mercado de trabalho. Comecei com língua portuguesa quando ainda sonhava em ser engenheiro. Aos 15 anos, na antiga quarta série ginasial, fiquei com uma dúvida ao ler um dos livros do professor Said Ali. Localizei o seu telefone no catálogo e marquei uma visita. Logo no primeiro encontro, ele percebeu meu interesse em ser professor e simpatizou com a minha ousadia juvenil ao telefonar-lhe. Foi o início de um longo contato de estudos que durou mais de 11 anos, até ele falecer aos 92 anos de idade. Essa vivência foi meu primeiro alicerce, Said Ali me ensinou como estudar, ler os clássicos, fichar os livros. E eu prossegui.*

**O senhor vivenciou a transição do estudo da língua, antes voltado apenas à língua escrita para só depois considerar a língua oral, por influência de trabalhos de teóricos como Ferdinand de Saussure. Poderia falar um pouco sobre isso?**

*De um modo geral, a língua falada ainda não tinha merecido a atenção que tem hoje. A escola tinha como objetivo mor ensinar a língua escrita, aquela que se*



## EDITORA NOVA FRONTEIRA

*aprende com os olhos, lendo, enquanto a língua falada se aprende pelo ouvido. Por isso, os lingüistas fazem uma distinção entre língua transmitida e adquirida. A transmitida é a do dia-a-dia, ensinada primeiro pela mãe, daí a expressão língua materna. Ao entrar na escola, a criança já sabe uma variedade de línguas antes de aprender o saber escrito. Mas é a variedade escrita que garante a existência de uma língua. É possível ler as poesias de Camões, mas nunca se recupera a língua falada pelo poeta. Naquele tempo, o ensino era voltado quase exclusivamente para a língua escrita, os professores concentravam-se no ensino da gramática.*

### **Como o senhor vê o estudo da língua portuguesa hoje?**

*Hoje se dá atenção especial à língua falada. O problema é que a supervalorização da língua falada leva ao desprezo da língua escrita, principalmente quando se parte do pressuposto de que se deve escrever como se fala, o que nunca ocorre. Quando se escreve, tem-se o peso de uma responsabilidade grande: maior tempo para pensar, consultar a cultura acumulada para evitar erros na escrita e o compromisso de ter um domínio maior da língua para prever como esse texto chegará ao leitor. Um grande problema é que hoje a língua deixou de ser o centro dos estudos nas universidades, que priorizam o texto, as análises do discurso ou a lingüística textual. Mas estas disciplinas, que são muito importantes, são a cobertura do edifício e para chegar até o topo em segurança é preciso ter construído uma boa base, que é a língua. Quando não se conhece a língua, adotam-se os piores procedimentos didáticos, que são a decoreba e as questiúnculas de concurso. A língua mesma, com toda sua potencialidade expressiva, é posta de lado. O aluno preocupa-se mais com a nomenclatura do que com o desenvolvimento de sua competência expressiva.*



## EDITORA NOVA FRONTEIRA

**O que o senhor pensa das tentativas de abolir alguns sinais gráficos como o trema e a crase? E da unificação da língua portuguesa?**

*Acho um absurdo essas propostas de retirar os sinais, é como se durante uma recepção você tirasse o sapato porque o calo está doendo. Tão absurdo quanto o projeto do Aldo Rebelo de acabar com os estrangeirismos. Como você pode acabar com eles se os estrangeirismos significam progresso da língua e não empobrecimento? Com as novas palavras, a sociedade passa a conhecer objetos e tecnologias que não conhecia. Os estrangeirismos só são condenáveis quando não têm necessidade de existir, como usar coffee break em vez de intervalo ou dizer paper em vez de trabalho. Por outro lado, expressões como online e backup são expressões que traduzem circunstâncias que não estavam presentes no universo vocabular. Já a unificação da língua portuguesa é um erro: não se unifica a língua, mas a grafia das palavras. E unificar a grafia é possível, como uma grande casa comercial que pode unificar a roupa dos funcionários — mas cada um deles mantém sua identidade. A unidade gráfica fortalece a identidade e a credibilidade da língua.*